

LITERATURA INÚTIL? – FERNANDO PESSOA E PSICANÁLISE

Igor Boito Teixeira¹
Gustavo Capobianco Volaco²

RESUMO

Apesar da díade que compõe o título, este trabalho comporta ainda um terceiro tópico, formando um tripé, pode-se dizer, para sustentar a discussão; este terceiro termo é a ciência. O que se pretende é atualizar o embate entre ciência e arte; neste caso, a arte verbal – poesias selecionadas de Fernando Pessoa –, visando salientar o que entre elas converge e onde, nesta relação, há divergências. Essencialmente, no que tange às poesias, estas podem ser cindidas entre duas funções, mantendo-se existentes em ambas simultaneamente. De saída, percebe-se seu valor simbólico enquanto enunciação e enigma, estruturalmente direcionando-se para fora, aparentando certa incompletude que necessita de uma resposta para findar seu movimento de busca; neste ponto, aproxima-se do conceito de verdade enquanto semi-dita e passível de uma interpretação. Por outro lado, salienta-se a poesia e seu trato puramente real, tanto por sua condição de escrito, quanto por sua natureza impossível. A ciência, de sua parte, tem uma relação diversa com a verdade, elidindo-a de seu discurso, fazendo o saber ocupar seu lugar e produzindo cada vez mais enunciados, cerceando uma realidade pretensiosamente bem delineada; para isso, toma o real pelo simbólico para traçar as bordas que delimitam o espaço do não-saber para fora de seus domínios, reinando, assim, soberana. A psicanálise, práxis voltada à palavra e suas vicissitudes, aliada à filosofia, mais que mediar a discussão, esforça-se para não fazê-la cessar, tomando seus resultados sempre como não totalizantes para as perguntas suscitadas. Desta forma aliciadas as teorias de Lacan, os postulados de Badiou e Barthes, entre outros, pretende-se trazer à luz o possível diálogo entre o que se entende por “útil”, que cabe ao campo da ciência, e qual o lugar da literatura neste estado de realidade.

Palavras-chave: Psicanálise; Poesias; Fernando Pessoa; Ciência; Verdade; Discurso.

USELESS LITERATURE? – FERNANDO PESSOA AND PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT

Although the dyad that makes up the title, this work still has a third topic, forming a tripod, one might say, to sustain the discussion; this third term is science. What is wanted is to update the clash between science and art; in this case, verbal art - selected poems of Fernando Pessoa -, in order to highlight what converges between them and where, in this relation, there are differences. Essentially, with regard to poetry, these can be divided between two functions, remaining in both simultaneously. From the outset, one perceives its symbolic value as enunciation and enigma, structurally directing itself outward, appearing a certain incompleteness that needs an answer to end its search movement; at this point, approaches the

¹ Acadêmico da 10ª fase do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST.

² Psicólogo e psicanalista – Coordenador do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST, Mestre em literatura e Doutor em Teoria Literária.

concept of truth as semi-dictated and amenable to interpretation. On the other hand, one emphasizes poetry and its purely real treatment, as much by its condition of writing, as by its impossible nature. Science, for its part, has a different relation to truth, by eluding it from its discourse, by making knowledge take its place and by producing more and more statements, by enclosing a pretentiously well-defined reality; for this, it takes the real by the symbolic to trace the boundaries that delimit the space of non-knowing out of its dominions, reigning, thus, sovereign. Psychoanalysis, praxis directed to the word and its vicissitudes, allied to philosophy, rather than mediating the discussion, strives not to make it cease, taking its results always as not totalizing for the questions raised. In this way, the theories of Lacan, the postulates of Badiou and Barthes, and others, are tried to bring to light the possible dialogue between what is meant by "useful", which belongs to the field of science, and which is the place of literature in this state of reality.

Keywords: Psychoanalysis; Poetry; Fernando Pessoa; Science; Truth; Speech.

INTRODUÇÃO

Constatar que a poesia é uma arte verbal não é façanha que cause comoções ou siderações – o que as causa é, justamente, esta arte, não o que se possa dizer sobre ela. Contudo, valem ainda algumas considerações. Pode-se, então, afirmá-la como sendo não a arte do falar, mas do dizer o que antes poderia ser considerado indizível, inefável, ou ainda do já conhecido, mas dito de outra forma – não redito, porém apresentado de maneira significativamente nova. Exemplo vívido disto pode ser o poema em que Pessoa (2015, p. 257) descreve o silêncio e a calma de uma noite atípica – em poesia, tudo parece consideravelmente atípico – de leitura: “Em torno de mim o sossego excessivo de uma noite de província / Fazia um grande barulho ao contrário [...]”. É quase como se as coisas se dissessem ao avesso, mas não é bem isso; está mais próximo a algo que se nega à retidão, que não se diz por inteiro.

Que haja uma relação entre esta arte e a psicanálise – a práxis da palavra dita –, isto merece, também, certa atenção. Desta forma, calha salientar que o foco, nestas páginas, é o relacionamento com algo particular: algumas poesias de Fernando Pessoa, pois não se almeja tomar a obra em sua totalidade. As poesias escolhidas – ver-se-ão não apenas poemas, mas também prosas poéticas – por si mesmas e em sua relação com o texto farão notar o porquê de sua presença.

Ademais, retomando diretamente as ligações entre literatura e psicanálise, há mais a se considerar. Levando em conta a vastidão da poesia, não se pode ignorar que não há somente as estruturas do poema e da prosa nesta forma de arte – embora sejam estes o objeto deste estudo. Estruturas como a do teatro, por exemplo, “emprestaram” grandes nomes à história da

psicanálise, como Shakespeare e Sófocles: importantíssimos para a nascente teoria psicanalítica. Acerca disto, Perrone-Moisés (2006) faz notar o fato de que, entre as primeiras formulações freudianas, a estes autores estão ligadas as raízes de conceitos como o Inconsciente e o Complexo de Édipo.

Paradigmas da psicanálise, os quais psicanalistas posteriores seguem quase que cegamente, produzindo poucos questionamentos relevantes a respeito; desta forma, toma-se agora a responsabilidade das seguintes ponderações: se estes seguidores também leram as obras supracitadas, leram o que Freud, nestas, leu? E se assim se deu, o leram por que esta interpretação – não passa disso, uma interpretação – foi-lhes dada de antemão por este que apresentou uma resposta a um enigma? Não se trata de analisar estes analistas, mas sim o que se refere à psicanálise com o que Lacan (2009), em seu seminário *de um discurso que não fosse semblante*, chama de “roça-roça literário”. E atesta

Quanto à psicanálise, o fato de estar apensa ao Édipo, ao Édipo do mito, em nada a habilita a se beneficiar do texto de Sófocles. Não é a mesma coisa. A evocação de um texto de Dostoievski por Freud não basta para dizer que a crítica do texto, até então reserva exclusiva do discurso universitário, tenha recebido mais alento da psicanálise. (LACAN, 2009, p. 106).

É uma fixação da psicanálise, dos “analistas carentes de inventiva” (LACAN, 2009, p. 106) que não só açambarca a questão do aprisionamento de textos em suas conjecturas, emaranhando-os nos fios de seus anelos de sentido, mas também aprisionando a própria práxis neste modelo clássico.

Não obstante, Lacan (1992), em seminário proferido entre os anos de 1969 e 1970³ – apesar das críticas em sua *Lição sobre Lituraterra*⁴ acerca do uso da literatura pelos psicanalistas –, sobre uma releitura de Édipo Rei, chama a atenção sobre o momento da peça em que, em sua interação com a Quimera, esta oferece um enigma ao primeiro; este, por sua vez, endereça à quimera sua resposta e, neste momento se torna, enfim e realmente, Édipo. Com isso o que se define é que, ao fixar uma resposta, estanca-se o movimento, se encerra uma forma fundamental.

A função do enigma está posta à mesa e Lacan (1992, p. 34) não titubeia em defini-la, em afirma-la como sendo um semi-dizer, “como a Quimera faz aparecer um meio-corpo, pronto a desaparecer completamente quando se deu a solução”. Trata-se, então, de uma enunciação, e neste ponto cabe a equiparação da interpretação ao enigma.

³De nome *O avesso da psicanálise*.

⁴Aula proferida em 12 de maio de 1971.

Há de se abrir breve parêntese. Segundo Oliveira (2007, p. 5) o “enunciado é o que se quer dizer, a enunciação é o que se quer dizer com o que se diz”. O enunciado se refere a um saber, é diretivo; enquanto que a enunciação está no campo da verdade, dita pela metade, eludida da linha reta em que se pretende o saber. A interpretação – e o próprio enigma, postos aqui no mesmo balaio – pode-se entendê-la, então, como uma enunciação sem enunciado, um saber como verdade. É algo que se oferece, ao haver um pedido, como um saber, mas não comporta uma fixação: a acessão se torna uma visão embaçada.

Isto pode tornar-se sensível voltando a Lacan (1992), quando este insiste que o enigma é, provavelmente, uma enunciação que encarrega, àquele a quem é endereçada, de transformá-la em enunciado. Se assim se seguir o pensamento, pode-se inferir que ao dadivar à posteridade um saber em resposta ao que se identifica como uma demanda, isto é, o enigma, teria Freud feito desaparecer a obra de Sófocles sob este véu que foi sua interpretação, afinal, disse ele enfim o que é a obra deste grego. Ao menos o que ela é em relação à psicanálise.

Trata-se, pois, de analisar se o que se diz destas obras está no campo da enunciação ou do enunciado; se o que é dito se pretende como interpretação na medida de enigma ou na tentativa de estancar em uma fórmula tudo o que não se consegue apreender.

Destas duas, a segunda opção traz como consequência um saber, um signo que responde e o qual finaliza o processo de busca por um sentido, até então não fixo. Mostra mesmo uma semelhança com a ciência por vir a ocupar um local hermético e descarregado de subjetividade, o qual, em suma, não diz nada, justamente por ser introspectivo em seu saber (OLIVEIRA, 2007). Em outras palavras, um enunciado. Um enunciado sem enunciação, pois não mantém relação alguma com a verdade.

Já o primeiro caso, anuncia que do ato da leitura pode surgir, não forçosamente, um saber como verdade; é passível – levando em consideração que o que se lê é significante e, não obstante, significantes encadeados – de uma representação de sujeito, de uma partição, de uma divisão. Isto é, diz, mas não diz tudo, só o que se pode saber, ou, como afirma Lacan (1992, p. 101) “O que se pode saber é solicitado [...] a funcionar no registro da verdade”. O lugar ocupado pela literatura, em seu espaço assegurado no discurso da psicanálise, seria de um saber que funciona ao passo em que é trazido à tona.

Dadas estas considerações iniciais, este artigo se pretende como espaço de discussão, tendo em seu centro algumas poesias de Fernando Pessoa, além das postulações da Jacques Lacan, Alain Badiou e Roland Barthes.

DISCUSSÃO

Diz Pessoa (2006a, p. 140) que “[t]oda literatura consiste num esforço para tornar a vida real. Como todos sabem, ainda quando agem sem saber, a vida é absolutamente irreal, na sua realidade directa [...]”. Pode-se retirar um saber deste fragmento de texto, fixa-lo para fora de sua mais fundamental natureza de enunciação enquanto escrito, embora escrito de forma estupidamente clara. No entanto, na mesma página do mesmo livro, mas em um fragmento de texto diferente, Fernando Pessoa assegura – para espanto ou não do leitor – o seguinte:

“Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida. A música embala, as artes visuais animam, as artes vivas (como a dança e a arte de representar) entretêm. A primeira, porém, afasta-se da vida por fazer dela um sono; as segundas, contudo, não se afastam da vida - umas porque usam de fórmulas visíveis e portanto vitais, outras porque vivem da mesma vida humana. [...] Não é o caso da literatura. Essa simula a vida. Um romance é uma história do que nunca foi e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de ideias ou de sentimentos em linguagem que ninguém emprega, pois que ninguém fala em verso”. (PESSOA, 2006a, p.140).

A dicotomia é a balastrada da arte literária e poética, pois se dá em cadeia – não se há contradição senão quando em relações. Colocando-se lado a lado diferentes gêneros ou autores, nota-se, muitas vezes, diferenciações claras de estilos e mensagens. No entanto, observa-se – como nos fragmentos acima, mas não se restringindo a estes – que na obra de Pessoa há arbitrariedade dentro da própria obra, mostrando uma dificuldade imensa de se estabelecer qual, fundamentalmente, seria a mensagem de sua produção em geral. Eis, talvez, uma das maiores riquezas deste autor, este dizer que, aparentemente, nada diz: trata-se de enunciados que, não enredados, formam uma obra. Acerca disto, deste aparente não tecer coeso do pensamento, Badiou (2002) faz notar o uso de oximoros por Pessoa – isto é, significantes que se desautorizam e/ou contradizem-se mutuamente.

É possível arriscar ir além, e assumir a obra do poeta português como sendo ela própria um oximoro em sua natureza mais elementar. Proposição esta concernente a algo tomado em sua totalidade, que nega, de si para si, a possibilidade de demonstração de sua epistemologia – até de sua ontologia. Talvez, arriscando um passo largo demais, a negação da ontologia seja o tema central, a pedra angular da qual urge a poesia. O que não quer dizer, é certo, que aqui se afirme em Fernando Pessoa um filósofo seguindo por uma via da articulação filosófica da não ontologia; mas a notação de algo interno – o oximoro acentuado por Badiou (2002)? –, como que permeando o todo, um fio transpassando, o que dá uma noção de enredamento em um conjunto que não parece tentar coser-se.

Depois de não ter dormido,
 Depois de já não ter sono,
 Interminável madrugada em que se pensa sempre sem se pensar,
 Vi o dia vir
 Como a pior das maldições —
 A condenação ao mesmo.

Contudo, que riqueza de azul verde e amarelo dourado de vermelho
 No céu eternamente longínquo...
 Nesse oriente que estragaram
 Dizendo que vêm de lá as civilizações;
 Nesse oriente que nos roubaram
 Com o Conto do Vigário dos mitos solares,
 Maravilhoso oriente sem civilizações nem mitos,
 Simplesmente céu e luz,
 Material sem materialidade...
 Todo luz, mesmo assim
 A sombra, que é a luz da noite dada ao dia,
 Enche por vezes, irresistivelmente natural,
 O grande silêncio do trigo sem vento,
 O verdor esbatido dos campos afastados,
 A vida e o sentimento da vida.
 A manhã inunda toda a cidade.
 Meus olhos pesados do sono que não tivestes,
 Que amanhã inundará o que está por trás de vós,
 Que é vós,
 Que sou eu? (PESSOA, 2015 p. 251).

Viria a ser, deste modo, um espaço onde o ser “não se pensa” ou não se lê? Como o que Lacan (2008a, p. 271) aduz acerca de seus *Escritos*, afirmando seu conjunto como livro para “não se ler”, não se encontrar no que está escrito? Não é o que parece. Está, mais possivelmente, para um vazio, um que há entre escrever e ler, que é o próprio escrito, e desta forma, por vazio, espaço aberto que atravessa e é atravessado. Algo como um inefável traduzido em palavras.

Com isto, pode-se fazer aproximação, neste momento, com a tese inestética de Badiou (2002, p. 41), na qual o poema é notado como “um poder que atravessa a língua involuntariamente”. Assume-se, assim, que não haveria uma pulsão ou desejo impelindo-o – o poema –, apenas a possibilidade e a potência.

Na construção de sua discussão, o autor francês declara, de passagem e por questões pragmáticas de seu texto, o poema como um “pensamento impensável” e calca-o como oposto à matemática, esta que, segundo ele, “é um pensamento que se escreve imediatamente como tal, um pensamento que precisamente só existe na medida em que é pensável” (BADIOU, 2002, p. 32). Dito de outra forma, as duas matérias – desprovidas de materialidade – são pensamento, porém enquanto uma não possui pensamento, por que impensável, outra se dá unicamente e fundamentalmente de forma não representacional: pretende ser o pensamento

em si calcado no real. Outrossim, as duas tratam exatamente do mesmo ponto de convergência, isto é, são ambas escritas.

Não obstante, Badiou (2002) apressa-se em ultrapassar a ideia do poema como impensável, agora deve ser tomado como um “dever do pensamento”, e não apenas isso, parece dotado de uma inconstância própria, tratar-se-ia, pois, de um pensamento que se pensa.

Nada que pareça dizer grandes coisas, no entanto. Mas atesta, realmente, um lugar dinâmico, desapropriado da fixação proporcionada pelo pensamento dito científico, aqui tomado pelo nome de matemática e de seu produto, o matema.

Dialogicamente, e para não perder o objeto principal deste estudo, pode-se opor Pessoa (2006b) que fixa o ato de pensar como, justamente, não compreender.

Creio no mundo como num malmequer,
 Porque o vejo. Mas não penso nele
 Porque pensar é não compreender...
 O Mundo não se faz para pensarmos nele
 (Pensar é estar doente dos olhos) (PESSOA, 2006b, p. 34).

O poema, pensando a si próprio, ignora-se, não se entende. Estranha asserção, pois o supracitado trecho fala neste Mundo, e este que é para não ser pensado; entretanto, em outro poema se é possível identificar a díade Mundo-Poema como sendo um mesmo, ou no mínimo entendida como orbitando o mesmo centro.

Não me importo com as rimas. Raras vezes
 Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
 Penso e escrevo como as flores têm cor
 Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me
 Porque me falta a simplicidade divina
 De ser todo só o meu exterior

Olho e comovo-me,
 Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado,
 E a minha poesia é natural como o levantar-se o vento...
 (PESSOA, 2006b, p. 54).

A partir disso, cabe aqui a primeira retomada de termos: “material sem materialidade”, disse Pessoa (2015, p. 251) referindo-se a algo do campo do Mundo. Entrevê-se, pois, uma cisão, duas vertentes para se pensar este Poema-Mundo: uma simbólica e outra, real.

CISÃO

Deste modo, é possível inferir sobre o poema como não sendo um sistema fechado, funcionando retroativamente como uma consciência que vê-se vendo-se⁵ (LACAN, 2008a), mas como algo voltado para fora. Não seria, desta forma, uma representação de algo⁶, nem mesmo, talvez, de si próprio. Enquanto disseminação do simbólico – e no simbólico – cria seu próprio universo no momento em que emerge (LACAN, 2010); universo não estático por natureza e direcionado para fora. E o que aponta para o exterior do poema?

Para Badiou (2002), não é, como já referido, uma representação, uma descrição, mas uma presença e uma operação que convida à dança de seu interior: este convite, para o filósofo em questão, está a cargo do enigma. Sua não objetividade intrínseca, por mais objetivo que seja, chama para dar, a quem lê, esse algo que aparece alhures, essa presença que se dá por sua metade ausente. Poder-se-ia afirmar que o poema não fala nada, por apenas flertar com o poder do dito – o que se apresenta, apresenta-se pela metade, por, justamente, dizer. É a enunciação propriamente dita.

Como quer que seja que uma verdade seja verdade, não se poderia pretender que ela a investisse ‘por inteiro’, que fosse sua mostração integral. O poder de revelação de um poema enreda-se em torno de um enigma, de modo que a verificação desse enigma faça todo o real de impotência da potência do verdadeiro. (BADIOU, 2002, p. 38).

Assim se é possível alcançar que, para Badiou (2002), o poema não oferece uma verdade, a produz: o poema faz verdade.

Neste ponto, imposta a relação entre poema e verdade, há de se notar que, na teoria lacaniana, isto faz ligação com o campo do enigma. E da seguinte forma: o enigma, enquanto enunciação, mostra-se como verdade, dizendo-se pela metade e assumindo a forma de um saber que, paradoxalmente, não se sabe, daí o impulso para se dizer sobre esta verdade – fixá-la em um saber tal, no qual esta metade da verdade que não se diz mantenha-se elidida (LACAN, 1992).

Por conta disto, Badiou (2002, p. 29) pode referir-se à uma impotência dessa potência que seria um verdadeiro, pois “todo poema faz um poder vir à língua, o poder de fixar eternamente o desaparecimento do que se apresenta”. O fato de dar a esta enunciação um

⁵ “[...] um dos correlatos essenciais da consciência em sua relação com a representação, e que se designa como *vendo-me ver-me*. ” (LACAN, 2008a, p. 83).

⁶ Posto seu estatuto de Real enquanto escrito (LACAN, 2009).

enunciado para nela amalgamar-se é a tentativa de fixar isto que o filósofo francês frisa desaparecer quando se apresenta, pois é um fulgurar ciciante, que aparece apenas para não criar raízes. Em suma, sempre se pode perder algo em um poema.

A lua (dizem os ingleses)
É feita de queijo verde.
Por mais que pense mil vezes
Sempre uma ideia se perde.

E era essa, era, era essa,
Que haveria de salvar
Minha alma da dor da pressa
De... não sei se é desejar.

Sim, todos os meus desejos
São de estar sentir pensando...
A Lua (dizem os ingleses)
É azul de quando em quando. (PESSOA, 2014, p. 119).

Esta verdade potente que aparece e diz, não tem a força para manter-se em corpo material, já que se dá a cada momento, acontece a cada instante⁷. “E ler é esquecer” (PESSOA, 2014, p. 98). Aqui se é possível fazer a devida ênfase à já aludida contraposição, instada pelo referido autor francês, entre poesia e matemática, cujos objetos de pensamento, segundo aquele, são respectivamente o poema e o matema.

Faz-se assaz interessante esta oposição, visto que o próprio Lacan se utiliza destes dois objetos em seu decurso teórico. Apesar de repetir por diversas vezes – e em mais de um seminário – que a psicanálise⁸ não é uma ciência⁹, sobre os matemas se debruça numa tentativa de total apreensão disto que seria um discurso sem palavras; não à toa Santos (2013, p.9) define os matemas como “uma redução da verdade à estrutura esvaziada de sentido”. São o que são, e devem dizer o que pretendem dizer. Ou, como alude Badiou (2002), são os pensamentos escritos apenas na medida em que pensados. Por isso o título “ciência”, um discurso esvaziado de sentido e, desta maneira, desinvestido de subjetividade.

Assim sendo, esclarece Oliveira (2007, p. 6) que o “discurso só é propriamente científico se não quer dizer nada”. Enquanto a poesia não fala, o discurso científico abre sua bocarra despejando suas fórmulas, que, ao contrário, nada dizem. Talvez neste ponto caiba o que faz um paralelo entre estes dois fatores primos – para brincar com o termo matemático –, isto é, a fala. São, portanto, campos distintos, e se há algo a se comparar entre eles, é a

⁷ “Rostos, a verdade tem mais de um.” (LACAN, 1992, 164).

⁸ “A análise como ciência é sempre uma ciência do singular” (LACAN, 1979, p. 31).

⁹ “A psicanálise também não é uma fé, e não me agrada chamá-la de ciência. Digamos que é uma prática e que ela se ocupa do que não está funcionando.” (LACAN, 1974-2008).

tentativa de, talvez forçosamente, fazer caber um incalculável em formas pré-definidas de fala: as estruturas em versos do poema – mesmo que Pessoa como modernista não atue em formas tão estáticas – e o já citado matema da matemática.

Voltando a atenção para as ciências, o que concerne ao incalculável de sua atuação é que se propõem a uma intervenção no real, o que leva Lacan (2008a) a afirmar que seria – a ciência – a única forma de comunicação, pois não se pretende como diálogo. Então igualmente se insere o fato de não haver subjetividade neste discurso, enquanto que a arte verbal da literatura se faz, como já inferido, na contingência do infinito campo simbólico, embora enquanto escrito, o poema se fixe no real (LACAN, 2009).

Este real, opta-se pela descrição que Lacan (1992, p. 164) oferece ao situa-lo “na etapa em que ocorreu de se definir que é impossível demonstrar-se como verdadeiro o registro de uma articulação simbólica”. Isto é, o real surge de um obstáculo lógico do que se enuncia como impossível no simbólico; algo que cai, que escapa à definição:

Assim eu que canto ou choro
Quero velar-me a partir.
Lembrando o que não memoro,
Alguns me saibam sentir,
Mas ninguém me definir. (PESSOA, 2014, p. 93).

E, afinal, como definir com veemência se algo sempre escorrega? Esta pergunta carrega o que se elude até então neste artigo, mas que se faz alusão a todo o momento. Lacan (1992) criou esquemas que chamou de *quadripodes*, quatro estruturas representacionais de discursos. O mencionado discurso científico, este não possui um matema próprio, mas se relaciona com todos – contudo, a necessidade de um comentário pontual torna o espaço de fala estrito, portanto, estas relações diretas serão pouco exploradas.

O que pretendia Lacan (1992) era trazer às claras essas relações fundamentais que se sustentam sem palavras, mas não se mantêm sem a linguagem: isto é, um discurso, o que permeia as relações como uma estrutura. Em cada um dos quatro discursos – a saber, o do *analista*, da *hística*, do *mestre* e do *universitário* – há fatores que lhe dão movimento, que giram entre si, e um deles é a verdade. Todos os discursos carregam uma verdade permanentemente obscura que lidera a marcha do que desse discurso decorre; esta verdade está sempre velada pela própria estrutura, mas sua voz se faz ouvida através do que se deriva como o agenciado, o que ocupa o lugar do desejo do discurso, pois ele causa a movimentação de tal sistema. Assim, o “lugar que figura sob o desejo é o da verdade” (LACAN, 1992, p. 87); estruturalmente falando, estes dois estão sobrepostos. Desta forma é possível afirmar que

estes discursos possuem um desejo que causa o movimento, o andar, o ensejo, e este é resultado disso que não se faz mostrar, mas se alicia a este primeiro mesmo que furtivamente.

Não se pode, entretanto, deixar escapar por entre os dedos o que interessa nesta discussão, o porquê de introduzir tais comentários. O discurso científico, note-se, é propriamente o que há de mais útil, pois se presta ao que Badiou (2002) chamou de escrita enquanto pensamento: o que está inserido no discurso científico funciona, ou não está imbuído nesta categorização. Para este incessante movimento, a ciência realiza um recorte do objeto em questão traçando, por volta deste, uma borda de teorias e de tecnologias exasperadas; Sanada (2004) define esta atuação como a produção de um conhecimento que seja capaz de responder ao que de mais insuportável se apresenta como um não-saber sobre estes objetos. A falta, eis o que a ciência mais abomina e o porquê de traçar esta borda, pois ela é o obstáculo desenhado para que veementemente não se possa ultrapassar (LACAN, 2008b).

Dá ser lícito afirmar o discurso científico como não tendo relação com a verdade e à parte de subjetividades: é diretivo, maquinal, e seu imperativo é unicamente “continua a saber sempre mais” (LACAN, 1992, p. 98); este mandamento, é impossível deixar de segui-lo.

Aqui se mostra a principal oposição do que se pode chamar poema-matema. Este buraco que a ciência a todo custo tenta tamponar, o poema o traz à tona; o indivíduo, a ciência transforma no próprio objeto¹⁰; o sujeito, neste ínterim, é tornado completo e sem faltas¹¹ (SANADA, 2004), enquanto o poema assume a arbitrariedade do caminho não raiado da linguagem e suas consequências e riscos.

Díade problemática, mas Barthes (2004a) faz um panorama de comparação em relação à ciência e à literatura, asseverando sobre esta primeira que o que a define é seu estatuto, isto é, ela é o que se ensina; sobre a segunda, a asserção é certa: à literatura cabem todos os atributos que não definem a ciência.

Pode-se arriscar com estas colocações de Barthes (2004a) não parecer ilegítimo que a literatura abranja, realmente, uma totalidade no que concerne à existência dita humana, neste simbólico já definido como infinito. Uma totalidade não totalizante ou totalizada. Vale salientar, sobre este “total”, que os próprios matemáticos, de acordo com Badiou (2002), fizeram notar que a matemática não poderia abranger em si o todo, pois um conjunto tende à tautologia, isto é, gira entorno de si próprio (LACAN, 1992). Assim, o todo ou é tautológico

¹⁰ Lacan (1992, p. 99) postula o lugar do trabalho no discurso universitário como ocupado por um “astudado”, ao invés de um estudante, devido sua posição como objeto *a* nesta estrutura: “solicita-se que constituam o sujeito da ciência com a própria pele”.

¹¹ “[T]oda pergunta sobre a verdade é, falando propriamente, esmagada, silenciada [...]” (LACAN, 1992, p. 98).

ou é contraditório, “oximórico”¹², e algo escapa; desta feita, é o contrário do que pleiteia a ciência: é impossível de se ensinar.

Meu coração é um almirante louco
que abandonou a profissão do mar
e que a vai relembrando pouco a pouco
em casa a passear, a passear...

No movimento (eu mesmo me desloco
nesta cadeira, só de o imaginar)
o mar abandonado fica em foco
nos músculos cansados de parar.

Há saudades nas pernas e nos braços.
Há saudades no cérebro por fora.
Há grandes raivas feitas de cansaços.

Mas – esta é boa – era do coração
que eu falava... e onde diabo estou eu agora
com almirante em vez de sensação?... (PESSOA, 1996, p. 84).

Esse impossível de se ensinar pode ser compreendido como impossível de apreender, e a essa definição já foi dada um nome: o Real. Eis que se apresenta a segunda parte desta cisão no que tange ao campo destes poemas, e, para situa-la, faz-se cabível breve retomada. A citação “[t]oda literatura consiste num esforço para tornar a vida real” (PESSOA, 2006a, p. 140) se deu por uma necessidade textual e alocada, então inicialmente, no campo da enunciação e da contradição da obra de Pessoa – o lugar ocupado então era do simbólico que, como tal, impõe uma ausência ao presumir uma presença (LACAN, 2010), isto é, se mostra como precisando ser completada ou, para entrar nos termos em discussão, é um enigma que prescinde de uma resposta, de uma interpretação que o fixe. Para se exprimir propriamente: este simbólico, impositor de uma falta, se dirige ao imaginário, campo do conciso, da resposta e da presença, para sanar esta ausência insustentável. Entrementes, este trecho d’*O Livro do Desassossego* toma agora valor diverso.

Falou-se, anteriormente, deste Mundo marcando presença não apenas metafórica em alguns poemas¹³, mas como constituinte mesmo destes. Estão estes, então, no campo do real, tanto como escritos (LACAN, 2009), quanto por sua constituição tal como Pessoa parece referir-se a eles dentro dos próprios poemas. Quando se optou pela nomenclatura Poema-Mundo, exatamente a isso se fazia alusão: um poema que assume mesmo essa posição insustentável, e nisto se insere a citação sobre a literatura esforçar-se para tornar a vida real –

¹² Neologismo derivado da palavra *oximoro*.

¹³ Ver página 7.

trata-se de a vida tomada propriamente como desapropriada de sentido, mesmo que tomada de assalto pelo simbólico. Neste ponto, este simbólico se direciona ao real, não ao imaginário.

Ao contrário da ciência, que ensina e toma o sujeito como um inteiro, que visa tamponar a angústia do não-saber, estas poesias vão na direção deste buraco insondável e o deixa à vista. Uma ferida em carne-viva. Assim, não parece haver para a literatura – neste caso específico, estes poemas de Pessoa – justificação teleológica; e se não o há, talvez não sirvam para nada (BARTHES, 2004b), isto por ocupar, aparentemente, estes dois lugares de sua divisão ao mesmo tempo. O lugar destas poesias é rigorosamente impossível.

CONCLUSÃO

Apesar de soar assertivo, o ultimar do texto se dá com uma interrogação em suspenso, mas não ausente. E o que está presente em um texto, afinal? A cientificidade demanda saber, enquanto à arte é imprescindível prescindir. Um artigo sobre poesias e ciência é um paradoxo aparentemente sem solução, pois disserta sobre uma oposição imposta, uma dialética que aparenta dificuldade de manejo por se tratar de um entremeio virtual, como se nada, entre as duas partes, confluísse.

O Real tomado pelo Simbólico, eis o que há em comum. A diferença, esta se faz presente por força de atuação. A ciência busca apreender o real em sua totalidade, abrangendo cada recôndita minúcia da astuciosa realidade; astuciosa por que ela sempre foge pela tangente, algo fica por se explicar. A matemática, por exemplo – a “ciência exata” por excelência – em suas fórmulas foge das palavras, naturalmente errôneas e fugidias, para que se calcule e mesure com exatidão a vastidão que afronta o conhecimento, que mostra sua ignorância pungente. O saber, em suma, responde pontualmente e fecha um ciclo de angústia, vetando o não-saber que orbita determinado objeto. Por ser pontual, exerce poder sobre apenas um ponto. O saber é, então, tomado como uma verdade, pois ignora tudo que o contradiz; embora, como já aludido, a ciência não tenha relação com a verdade: seu conhecimento é tomado como tal, delineando a borda que delimita seja lá qual for o objeto tomado como instrumento.

A literatura, de seu lado – subentenda-se que se fala do presente trabalho, ou seja, poemas de Fernando Pessoa –, haja visto seu estatuto de “não ciência” e abarcando tudo que a esta outra não cabe, atua diferentemente e com mais liberdades. Dividida entre o simbólico e o real, usa-se de ambos e a ambos subverte: seu instrumento, a linguagem, usada descabidamente às voltas do que a própria linguagem não é capaz de açambarcar, age apesar

disto e segue seu caminho com esta falta tão propriamente simbólica. Por que, afinal, só há falta por conta deste mesmo simbólico que traz à tona uma presença possível, que não há, tendo em vista que nada falta ao real. Em torno disto caminha a arte verbal, justo entre o impossível e essa ausência irremediável.

Neste ínterim, emergem as citações já re-citadas de Fernando Pessoa que imprimem duas formulas aparentemente contrastantes, quais sejam, a literatura como que tornando a vida real e como uma maneira de ignorar a vida. São mesmo contrastantes, mas por tratarem de pontos diferentes: a vida que se ignora nos poemas seria a mesma vida que é irreal quando tomada diretamente como realidade, afinal, a realidade é diferente deste Real lacaniano. A vida tornada real é a vida sem um sentido; enfim, uma tomada do mundo como Mundo e em conjunto com a literatura e as poesias, chegando ao que se optou referir como Poema-Mundo, ou seja, estes poemas tomados pelo seu lugar de escritos, inscritos no real, não como o mundo das coisas, mas como o não predicável, como o espaço onde nada falta por não ser habitado pela linguagem. Os poemas, embora composições significantes, aludem diretamente a esta vida tornada real, já que o próprio poema não é capaz de alcançar algo que finalmente encubra o não-saber.

Desta forma, fala-se de um lugar dinâmico, desapropriado da fixação proporcionada pelo pensamento dito científico. Enquanto este encerra o saber, os poemas fazem verdade, essa constância da impermanência. Os poemas, em seu status de impossível, podem ser assim considerados por ocuparem dois lugares ao mesmo tempo em que se encontram no vazio real do escrito. Segue em suspenso a interrogação e a literatura segue prontamente sustentando seu peso.

REFERÊNCIAS:

BADIOU, A. **Pequeno manual de inestética** / Alain Badiou; tradução Marina Appenzeller. - São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BARTHES, R. **O rumor da língua**; prefácio Leyla Perrone-Moisés; tradução de Mário Laranjeira; revisão de tradução Andréia Stahel M. da Silva. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. **Prefácio ao Tomo VIII da Enciclopédia Bordas**, in *Inéditos*, vol. 2 - Crítica. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 17:** o avesso da psicanálise, 1969-1970; texto estabelecido por Jacques Alain-Miller, [versão brasileira de Ary Roitman; consultor, Antônio Quinet]. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. **Seminário, livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise 1964; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução M.D. Magno. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

_____. **A lógica do fantasma**, seminário 1966 – 1967. Recife: Centro de estudos freudianos de Recife, 2008b. Disponível em: <<http://www.mediafire.com/file/z441i5vo59qotas/LACAN%2C+Jacques.+O+semin%C3%A1rio.+A+1%C3%B3gica+do+fantasma+%281966-67%29.pdf>> Acesso em: 10/08/2018

_____. **Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**, (1971) / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; Trad. Vera Ribeiro; versão final Nora Pessoa Gonçalves; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira de Marie Christine Laznik Penot com a colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade]. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. **Entrevista inédita de Jacques Lacan à revista italiana Panorama (1974)**. Disponível em <<https://pontolacaniano.wordpress.com/2008/03/31/entrevista-inedita-de-jacques-lacan-a-revista-italiana-panorama-1974/>> Acesso em: 18/10/2018.

OLIVEIRA, C. Da enunciação da verdade ao enunciado do gozo: o mito. **Discurso**, n. 36, p. 273-286, 9 jun. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38081/40807>> Acesso em 20/05/2018

PERRONE-MOISÉS, L. **Pessoa e Psicanálise**. Disponível em: <http://estudos.pessoanos.fflch.usp.br/sites/estudos.pessoanos.fflch.usp.br/files/LPM_Pessoa_e_a_psicanalise.pdf>. Acesso em: 10/05/2018

PESSOA, F. **Poemas de Álvaro de Campos:** obra poética IV; organização, introdução e notas Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2015.

_____. **Livro do Desassossego:** composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Richard Zenith (Org.). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a.

_____. **Poemas de Alberto Caeiro:** obra poética II. Porto Alegre: L&PM, 2006b.

_____. **Poesias inéditas & Poemas dramáticos** / Fernando Pessoa; [Organização, ensaio bibliográfico, apresentação e notas de Jane Tutikian]. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

_____. **Poesias**; organização de Sueli Tomazini Cassal. – Porto Alegre: L&PM, 1996.

SANADA, E. R. **A ‘verdade’ da ciência a partir de uma Leitura psicanalítica**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a19v1512.pdf>> Acesso em: 16/08/2018

SANTOS, T. C. dos. A psicanálise é uma ciência e o discurso analítico é uma práxis?. **Ágora** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 299-312, dezembro de 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982013000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 de setembro de 2018.